Educação para o cuidado com a individualidade

As vantagens de ensinar os professores a cuidar da individualidade quer na aprendizagem quer no relacionamento com os alunos.

Será talvez senso comum dizer-se que cada indivíduo transporta consigo, para além de uma individualidade frequentemente descurada, uma longa história social e cultural - para não falar já de uma longa história biológica. Isto significa que as reacções de qualquer organismo ou indivíduo, mesmo tratando-se de reacções elementares, poderão ser vistas como imensamente complexas e portadoras de infindáveis segredos acerca da vida e do funcionamento da natureza humana. Por isso mesmo, cada organismo e cada indivíduo pode ser alvo da formulação de imensas teorias do ambiente onde viveu, da sua relação com o ambiente, de si mesmo e do seu desenvolvimento e transformação, do seu envelhecimento, etc.
Este facto parece não ser tido em conta no caso da preparação de muitos profissionais cuja missão é a de cuidar de cada indivíduo. A atenção à particularidade, à individualidade, tem sido mais equacionada como se se tratasse de um epifenómeno de leis mais gerais do que como um centro nevrálgico de onde pode emanar conhecimento legítimo. Continua a haver muito mais a preocupação em conhecer as "doenças" do que os indivíduos, ignorando que cada indivíduo contém tudo aquilo que é necessário e importante conhecer-se.
Centrarei este apontamento no caso da preparação dos professores e procurarei mostrar o que se ganharia com uma formação que educasse o cuidado com a individualidade, ajudando cada estudante de docência a construir visões mais clínicas do que técnicas, mais práticas do que teóricas, mais instrumentais da acção do que *elaborações filosóficas desencarnadas* acerca da sua experiência com os seus estudantes.
Talvez que o primeiro ganho de uma formação que eduque o cuidado com a individualidade seja a aprendizagem de que não há conhecimentos garantidos mas, antes, que o conhecimento e cuidado para com os outros se constrói a cada passo da nossa interacção. E esta, longe de se fazer com o que a pessoa sabe, faz-se sobretudo com o que a pessoa é. Por outro lado, dizer-se que não há conhecimentos garantidos significa que não há conhecimentos prévios que sejam garantia do que quer que seja. É a pessoa do professor a sua apresentação central, o leito alimentar principal do seu conhecimento, e, por isso, é ela que lidera, que está à frente de qualquer outro conhecimento. Por outras palavras, é o que o professor é e não o que ele sabe, a pedra basilar do seu conhecimento. O cuidado para com a individualidade dos outros exige um grande cuidado para com a própria individualidade.
O segundo ganho seria como consequência do anterior o aumento da sabedoria. É costume definir-se esta como o saber que vai para além do conhecimento ou como o conhecimento que vai para além daquilo que é sabido. De facto, uma educação para a individualidade assume como um saber importante, a própria acção e a emoção, motivação e significado nela contida - ingredientes aos quais só de forma *translúcida* acedemos através da palavra. Por isso mesmo, uma educação para a individualidade também se centraria na acção e não apenas no conhecimento e muito menos no conhecimento sem acção (que em si próprio é um contrasenso evolutivo). A sabedoria seria pois o resultado do andamento paralelo da teoria e da prática, do saber e do fazer que levaria àquilo a que Manuel Patrício chamou um dia o "saber fazer ser" (a propósito de uma *escola cultural).*
Um terceiro e último ganho de uma educação para o cuidado para com a individualidade seria a consciência de que o "saber clínico" assim adquirido não dispensa nenhum outro saber. Com efeito, o saber clínico alimenta-se de todas as possibilidades de conhecimento, procurando aceder e construir artisticamente as multipossibilidades de viabilização das acções, pensamentos e percursos individuais.
Uma educação para o cuidado com a individualidade seria, assim, se quiséssemos uma generalização, *uma educação para a acção, para a sabedoria e para o antifundamentalismo* - elegendo estes como instrumentos centrais do nosso próprio desenvolvimento e do desenvolvimento dos outros!